

Abrigos Campos: refúgio pela vida!

Ângela Magalhães Vasconcelos

Professora da Escola de Serviço Social da UFF, membro titular do Comitê Estadual Intersetorial de Políticas de Atenção aos Refugiados e Migrantes – CEIPARM-RJ, coordenadora do Laboratório de Políticas Públicas, Migrações e Refúgio- LabMigrar- ESS -CNPq e Coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello-UFF.

Contato: avasconcelos@id.uff.br

RESUMO

O artigo que utiliza a imagem fotográfica como recurso é um dos produtos da pesquisa em desenvolvimento in loco no estado de Roraima, norte do Brasil. Investiga o impacto do intenso fluxo migratório venezuelano, especialmente na cidade-fronteira de Pacaraima e na cidade de Boa Vista, capital do estado, considerando a vida especialmente das mulheres nos Abrigos Humanitários da Operação Acolhida. A investigação utiliza a etnografia narrativa e visual. O Ensaio fotográfico exposto neste artigo é relativo ao período compreendido de maio a outubro de 2018.

Palavras-chave: migração venezuelana, Abrigos Humanitários, Operação Acolhida, Mulheres, Fotografia

ABSTRACT

The article uses the photographic image as a resource and one of the byproducts of the in loco ongoing research in the state of Roraima, northern Brazil. Investigates the impact of the intense migrational Venezuelan fluxus, specially in the border-city of Pacaraima and in the city of Boa Vista, the state's capital, considering the life specially of the women in the humanitarian shelters of the Operação Acolhida. The investigation uses a ethnographic and visual narrative. The photo shoot exposed in this article comprehends the time period from May 2018 till October 2018.

Key-Words: : Venezuelan migration, Humanitarian Shelters, Operação Acolhida, women, photography

“A ocupação colonial em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição de novas relações espaciais (“territorialização”) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, e ocupação significa relegar o colonizado a uma terceira zona, entre o estatuto de sujeito e objeto.” (Mbembe, 2003)¹

O presente Ensaio Fotográfico foi produzido a partir da pesquisa ‘Mulheres Refugiadas da Venezuela no Norte do Brasil: fluxos migratórios mistos, políticas públicas e acesso à cidade’, em desenvolvimento desde o ano de 2017, com ênfase na garantia de direitos da população refugiada à política de assistência social. Em função do complexo impacto espacial da ‘moradia’ ela originou o subprojeto ‘Abrigos Humanitários no fluxo migratório de Venezuelanos, em Roraima: política e controle’.

A investigação parte do contexto recente de acentuada emigração de venezuelanos no Brasil, solicitantes de refúgio e de visto de permanência temporária, tendo em vista a grave situação política e econômica vivida na Venezuela.

A pesquisa é desenvolvida pelo Laboratório de Políticas Públicas, Migrações e Refúgio - LabMigrar, da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (ESS- UFF) e tem como base metodológica a narrativa oral e a etnografia visual com entrevistas, rodas de conversa, fotografias e filmagens do cotidiano.

São três as etapas da pesquisa in loco e a partir delas foram organizadas as exposições fotográficas I e II de Rostos & Corpos: Entre Ruas e Abrigos: experiência com imigrantes venezuelanxs em Roraima², composta por registros da vivência em diversos momentos. Primeiro, no mês de maio e depois no mês de outubro de 2018 nas cidades de Boa Vista e de Pacaraima. A última etapa foi programada para junho de 2019 quando terminou o Ensaio Fotográfico.

O roteiro da pesquisa foi inicialmente construído para entrevistar atores de instituições públicas municipais e estaduais, de organizações não governamentais, de co-

letivos de mulheres migrantes e refugiadas e de organizações internacionais. Contudo, os estudos introdutórios revelaram uma outra faceta e o olhar voltou-se para uma triste realidade, incomum na região, uma crescente população imigrante em situação de rua, em extrema vulnerabilidade, com expressivo quantitativo de mulheres e crianças venezuelanas.

Além da rua como moradia, acampamentos, ocupações de prédios públicos e imensos galpões lacrados com muros e grades – os ‘Abrigos Humanitários’, sob o controle e gestão do Ministério da Defesa, Secretaria Estadual de Trabalho e Bem-Estar Social de Roraima e do do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), passaram a constituir local de passagem e permanência para os imigrantes sob a vigilância permanente de um efetivo militar da Força-Tarefa Humanitária da Operação Acolhida, desde o seu interior às ruas do centro e periferia de Boa Vista e da transfronteiriça Pacaraima.

A partir desta realidade, ruas e brigos tornaram-se a parte central dos estudos sendo desenvolvida metodologia de roda de conversa com mulheres onde elas colocam sua história na Venezuela, como chegaram ao Brasil e suas dificuldades, demandas e expectativas no novo território. Concomitantemente conversamos sobre o dia-a-dia e prestamos informações sobre direitos aos serviços e benefícios socioassistenciais que constituem direitos constitucionais no âmbito do Sistema Único da Assistência Social como forma de empoderamento do coletivo feminino, desde o Abrigo.

Nestes territórios delimitados estão abrigados separadamente imigrantes venezuelanos não indígenas e indígenas das etnias Warao e Eñap’á.

Existem 3,4 milhões de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo. A Colômbia é a que mais tem recebido com mais de 1,1 milhão seguida pelo Peru com 506 mil; Chile, 288 mil; Equador, 221 mil; Argentina, 130 mil; e finalmente o Brasil, 96 mil. Outros países da América Central e Caribe têm recebido um número significativo de refugiados e migrantes venezuelanos³.

Em maio de 2018⁴ haviam entrado no Brasil 92.656 imigrantes venezuelanos permanecendo em território brasileiro 48.024, basicamente através da migra-

ção interna espontânea. Naquele momento eram nove Abrigos com 4.038 imigrantes, sendo dois deles indígenas⁵. Um ano depois são treze Abrigos onde vivem cerca de 6.750 imigrantes venezuelanos⁶. Foram reassentados voluntariamente 5.872 imigrantes em 18 estados e 100 cidades⁷ desde o início do Programa de Interiorização do governo Federal, em abril de 2018, com critérios de elegibilidade para recebimento e permanência estipulados pelas instituições e governos de destino.

Do abandono da casa venezuelana, do caminho até a fronteira brasileira, (sobre)vivendo nas ruas, aguardando e implorando uma vaga em Abrigo. Por vezes, acampado na frente de um deles, na grande expectativa de chegar a sua vez para ser distribuído ao Abrigo Rondon 2, e é quando chega a hora de interiorizar para algum lugar que o queira no Brasil.

Entre a hospitalidade e a hostilidade, a resistência é pela vida!

A fotografia que flagra por diversos ângulos o impacto desta imigração venezuelana na fronteira e na região passa de galpões reestruturados e barracas de lona do Exército brasileiro e do ACNUR a construções em territórios que se assemelham à campos de refugiados.

A etnografia visual é um grande desafio para o pesquisador que num instante opta pela imagem com o seu olhar mas deixa a observação e a análise para o espectador.

Os registros fotográficos foram realizados a partir do celular J7 Galaxy Pro Samsung, 64GB.

“Parecia um lugar sem fim,

sem côr e

andar sobre

as pedrinhas no chão de lama

era gritar no silêncio”

A. Vasconcelos (Boa Vista-RR, outubro de 2018)



Fonte: Ângela Vasconcelos

Fronteira Brasil-Venezuela, respectivamente cidades de Pacaraima e Santa Helena de Uiarén. 11 de maio de 2018.



Fonte: Ângela Vasconcelos

Abrigo Pintolândia. Imigrantes Indígenas em condição de refúgio. 15 de maio de 2018.

Fonte: Ângela Vasconcelos



Abrigo Pintolândia. Imigrantes indígenas de etnia Warao e Eñap'á. 15 de maio de 2018.



Abrigo São Vicente. 22 de outubro de 2018.

Fonte: Ângela Vasconcelos



Abrigo Jardim Floresta. 16 de maio de 2018. Roraima. 11 de maio de 2018

Fonte: Ângela Vasconcelos

Fonte: Ângela Vasconcelos



Abrigo Rondon I. Família aguarda a interiorização. 22 de outubro de 2018.



Fonte: Ângela Vasconcelos

Abrigo Rondon II. Base para interiorização no Brasil. Crianças brincando de 'Amarelinha'. 22 de outubro de 2018.



Fonte: Ângela Vasconcelos

Família recém chegada. 22 de outubro de 2018.



Fonte: Ângela Vasconcelos

Abrigo Rondon III. Dia da inauguração, 22 de outubro de 2018.

Notas de fim:

1. MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo. n-1 edições, 2018. pp 38-39.

2. Exposição I, na Faculdade de Direito da UFPR, durante o IX Seminário das Cátedras Sérgio Vieira de Mello, em setembro de 2018. Na Escola de Serviço Social de Niterói- UFF, durante a Semana Acadêmica, em outubro de 2018. Exposições I e II, em conjunto com a Palestra 'Fluxo Migratório Venezuelano no Brasil: os 'Abrigos Humanitários' e Reflexões sobre o Programa de Interiorização 'proferida no GRISUL, Escola de Ciência Política da UNIRIO, em abril de 2019. Fotos e curadoria da autora.

3. Fonte: OIM e ACNUR, fevereiro de 2019.

4. Fonte: Polícia Federal de Boa Vista, maio de 2018.

5. Fonte: Operação Acolhida, maio de 2018.

6. Fonte: OIM, março de 2019.

7. Fonte: OIM, abril de 2019.